Magia e turbulência

A palavra e a importância do encontro

Francisco A. Duarte,[1] São Paulo

Resumo: Este artigo explora a potência transformadora do encontro analítico, compreendido como experiência singular de revelação mútua entre analista e analisando. A partir de Sigmund Freud e Wilfred Bion, especialmente no que se refere à importância da palavra, da escuta e da tolerância ao desconhecido, o texto propõe uma leitura da psicanálise como prática que ultrapassa os limites do intelecto. Em diálogo com tradições antigas, como o conhecimento védico, e com a narrativa da princesa Draupadī no *Mahābhārata*, o artigo discute a palavra como elemento criador, veículo de intuição e expressão de verdade interior. Também são abordadas as consequências psíquicas da linguagem descompassada, como aparece em uma vinheta clínica de Elton em contraste com a coerência entre pensamento, emoção e ação.

Palavras-chave: palavra, psicanálise, transformação, Vedas, Mahābhārata

Encontro

O encontro entre analista e analisando é impregnado de vastas possibilidades. O que um busca, o outro, de alguma forma, pode oferecer. Ainda assim, trata-se de um percurso de evolução mútua. Freud definiu a psicanálise como uma cura da alma pelo amor mediado pela palavra. No entanto, apesar de muitos praticantes restringirem-se ao aparato puramente mental, a psicanálise, sobretudo a partir de Bion, revela-se como uma experiência que transcende as fronteiras do intelecto.

De um lado, alguém se dispõe, ou é impelido a desvelar suas profundezas, seus anseios e seus medos; os recessos mais ocultos da alma que aguardavam, em silêncio, por um olhar que os veja. De outro, há

1 Psicanalista. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

aquele que se dispõe a escutar e que, de alguma forma, foi escolhido para tal tarefa.

Se o encontro aconteceu, é porque havia um sentido em sua realização. Mesmo que breve – seja em análise ou fora dela, numa entrevista ou em qualquer situação de natureza humana –, carrega um significado que, muitas vezes, escapa à razão. É nele que se revela a possibilidade concreta de o analisando vir a ser – ou de tornar-se aquilo que sempre existiu em estado latente.

A sabedoria que emerge dessa experiência não decorre do acaso, tampouco se reduz a coincidências fortuitas. Como já observei em outro contexto, coincidência é a ignorância de não entender o fenômeno. Quando esse encontro é atravessado por um amor genuíno – livre de idealizações ou desejos de posse –, tem o potencial de transformar profundamente a constituição subjetiva de ambos. Um encontro analítico exige uma entrega despida de preconceitos, competições, conceitos rígidos e teorias. Requer uma presença indivisa, una, para que se possa sustentar a incerteza, o não saber e o inusitado que se anuncia.

Cabe a todos os pares que se encontram – professor e aluno, analista e analisando – reconhecer a importância do momento presente e da experiência compartilhada. Isso é especialmente verdadeiro para o analista que, ao tentar articular uma teoria no exato instante em que deveria estar atento ao analisando (ou mesmo quando este, por também ser da área, tenta recorrer ao amparo teórico), acaba por se afastar da vivência emocional do encontro. Cabe-nos, portanto, aceitar os limites de nossa ignorância e, ainda assim, oferecer o melhor de nós mesmos – com presença, escuta e abertura genuína ao que emerge entre dois sujeitos que se encontram.

Nesse contexto apresento Elton, um jovem de 23 anos que chegou ao consultório após indicação de um amigo. Elton apresentava uma estrutura psicótica e trazia, em sua fala inaugural, o tormento de uma "musiquinha" incessante que tomava conta de sua mente – uma experiência para ele insuportável. Havia, de modo evidente, uma ruptura com a realidade simbólica: os vínculos que sustentam a linguagem

estavam comprometidos. Sua fala era fragmentada, incoerente e desprovida de função comunicativa.

Os "ruídos musicais" pareciam operar como barreiras simbólicas entre Elton e seu próprio mundo interno. Trabalhava em uma empresa familiar e se mantinha imerso em tarefas repetitivas, cercado por distrações digitais – como se o excesso de estímulos externos tentasse tamponar um vazio interno. Chegava às sessões inquieto, evitando o olhar, mas manteve-se assíduo e pontual, três vezes por semana.

Mas o que esse encontro revela?

É vã a tentativa de buscar, de imediato, um sentido, um conceito ou uma teoria que satisfaça o anseio de compreensão. As conexões mais significativas não emergem de uma mente que opera apenas na superfície, mas brotam de um lugar misterioso: o inconsciente. Nele habita a nossa verdade mais íntima. É por meio dessa escuta profunda, muitas vezes silenciosa, que as frequências entre analista e analisando se harmonizam, possibilitando a emergência do que ambos, ainda que inconscientemente, buscam.

Então, uma nova etapa da terapia se inicia. Reconheço o quão desafiador pode ter sido dar esse passo. A distância, a frequência dos encontros e tantas outras variáveis implicadas não são meras circunstâncias, são parte do processo. Há aqui um sentido: despertar aspectos adormecidos, trazer à luz conteúdos que, embora ocultos, clamam por reconhecimento. Mais que um desejo, é uma necessidade da alma: aproximar-se do que há de mais profundo em si, e, com coragem e reverência, encarar quem se é, e quem se pode vir a ser. Como afirmou Sandler em conferência registrada em vídeo (2021):

> Tornar-se é algo que difere de ser, é algo além disto e aquém disto, estou tentando enfatizar uma dinamicidade viva, um movimento, para se descobrir essa coisa que se torna na hora da sessão e também se torna fora da sessão, mas a gente só tem acesso ao que está acontecendo na sessão de análise, é

> necessário haver uma percepção mínima e transitória daquilo que não se sabe, daquilo que a pessoa não sabe, o que é quase tudo.

É necessário enfrentar (estou dizendo que é necessário, e não que a pessoa "tem que"). É diferente de uma necessidade (de constatar uma necessidade) do "tem que", o "tem" que é ideologia, ou advocacia, pedagogia. Os pais acham que tem que, na sessão de análise a gente não é nada disso. Aquilo que é desconhecido da pessoa, tanto por ela quanto pelo analista.

Turbulência psíquica

Um ponto fundamental observado desde o início nos encontros com Elton foi o uso massivo da identificação projetiva: Elton parecia "expulsar" de si partes intoleráveis, projetando-as no analista, o que gerava confusão psíquica e desorganização no vínculo. Essa confusão entre o eu e o ambiente que o rodeava afetou sua capacidade de pensar e simbolizar. Sua fala carregava neologismos, rupturas associativas, ataques à cadeia simbólica – o que Bion chamaria de ataque à ligação. Essa linguagem psicótica, expressão de uma falha egoica severa, não possuía uma função comunicativa, mas evacuativa – não havia intenção de interlocução, mas de alívio, de esvaziamento.

Quando ocorre o encontro, algo de ordem mágica parece estar prestes a se manifestar. Contudo, não raramente, esse instante inaugural é precedido por uma turbulência psíquica, vivenciada como uma sensação ou um sentimento de insuportabilidade iminente. Entretanto, ao se conseguir abdicar das certezas previamente consolidadas, abrindo espaço para a incerteza e para o novo, transformações sutis começam a emergir.

Segundo Hardt Junior (2025), o conceito de "capacidade negativa" retoma Bion ao evocar a aptidão para tolerar incertezas, mistérios e dúvidas.

Lembremos que Ítalo Calvino, a propósito da escolha dessa via de reflexão, conclui que "há coisas que só a literatura, com seus meios específicos, nos pode dar" (Calvino, 2002, p. 82) – ou, se considerarmos

Bion, essa arte nos proporciona "o espaço utilizado para resolver problemas na ausência do objeto" (Bion, 2004, p. 111).

> A linguagem desses autores possui um padrão comum: evocam reiteradamente no leitor a *capacidade negativa*, ou seja, a habilidade de suportar incertezas, mistérios e dúvidas – colocando-os numa perspectiva contínua de vigilância e incompletude, um existir sem satisfação plena. Há uma atenção ou vigilância, pois muitas vezes o leitor sente uma noção de incompletude. Essa forma de linguagem representaria pensamentos virgens, nunca pensados e, sobretudo, ligados à coisa em si? Mas o que fazer com esses fatos? Domesticá-los pela escrita? (Hardt Junior, 2025, p. 50)

Quando a dupla envolvida no encontro é capaz de sustentar esse momento inicial de perturbação, que, dependendo das ideias dominantes e do propósito do encontro, pode ser especialmente desestabilizador, então algo mais profundo começa a se configurar. Nesse ponto, o inconsciente se torna o lugar onde a Verdade mais essencial se revela; e é por meio da emanação dessa Verdade – ainda que dolorosa, ainda que temporariamente insuportável – que se inicia um alinhamento entre inconscientes que se encontram.

Abre-se, então, um espaço psíquico para o novo, para o desconhecido, para a potência das incertezas. E é nesse espaço, precisamente aí, que a verdadeira magia tem início. Falamos, portanto, de um processo de transformação. E toda verdadeira transformação envolve dor, mas uma dor que pode ser bela. Costumo pensar que há dois tipos de sofrimento na vida: o da estagnação e o do crescimento.

Elton, especialmente após seis meses de trabalho, começa a se dirigir a mim com palavras; o conteúdo das "musiquinhas" foi rareando, e ele se transferiu para uma função que exigia contato com o público, o que vivenciou como uma conquista. Introduzimos então um pequeno ritual terapêutico: Elton começou a escrever pensamentos em um caderno – o que ajudou a iniciar a construção de um espaço simbólico interno, rudimentar, mas presente.

Esse encontro tem um propósito que ultrapassa a obtenção de respostas. Seu valor reside nas perguntas que ele é capaz de suscitar. Pois a resposta, quando absoluta, é o fim da pergunta; e quanto maior for a capacidade de sustentar a interrogação, mais vasto será o campo de possibilidades que se abre diante dos envolvidos na dinâmica. A relação analítica não visa à criação de dependência, mas à emergência do self, um Eu que permanece desperto mesmo após o fim do processo terapêutico. Mas essa travessia não se faz sem esforço, sem o incômodo necessário para romper com a acomodação.

Na tradição védica, esse véu de ilusões é chamado de Māyā – o poder que encobre a realidade e nos faz confundir aparências com essência, ego com verdade. Assim como o processo analítico nos convida a atravessar camadas de defesas psíquicas, o encontro verdadeiro nos desafia a distinguir o que em nós é construção mental do que é autêntico, silencioso e real.

Somos originados de algo muito maior: do Verbo, da fonte divina que antecede a linguagem, o tempo e a cultura. A vida, quando pensada em sua totalidade – biológica, emocional, espiritual, social e antropológica – revela-se um milagre cercado por inúmeras barreiras que precisam ser transpostas para que o nascimento aconteça. No entanto, à medida que crescemos, a cultura, a educação e as experiências moldam nossa percepção e, muitas vezes, nos afastam de nosso propósito essencial. Não se trata de julgar se tais influências foram certas ou erradas, mas de reconhecer que, em muitos momentos, nos desconectamos do nosso Eu verdadeiro, daquele que nasceu da Verdade.

Apesar de tudo que vivemos, a vida parece nos chamar de volta para quem realmente somos. Esse retorno não é voltar ao passado, mas reencontrar uma verdade interior que sempre esteve lá – mesmo que esquecida ou encoberta. Ao longo da vida, nos afastamos dessa essência por causa das exigências da cultura, das experiências difíceis e da necessidade de nos adaptarmos. Mas, em certos momentos, especialmente nos encontros verdadeiros, algo em nós se move. Sentimos um desconforto, uma dúvida, às vezes até dor – mas é aí que começa a transformação.

Como diz a *Bhagavad Gītā* (Prabhupāda, 1976, 2.7), quando Arjuna se vê tomado pela angústia no campo de batalha, acredito que o mesmo aconteceu com Elton em relação à sua batalha mental. Arjuna se rende a Krishna e diz: "Estou confuso quanto ao meu dever e perdido pela compaixão. Peço-Te que me digas com clareza o que é melhor para mim. Agora sou Teu discípulo". Nesse instante, ele deixa de lado suas certezas e se abre para algo maior. Esse momento de rendição é o início do caminho de volta à verdade.

Elton se rende aos encontros nas sessões, deixando de lado a forte impressão musical em sua mente, enfrentando-a para encontrar espaço para o interno, para o encontro de si, para o que antes era saudável.

Bion observa que o crescimento psíquico exige a capacidade de sustentar o "não saber" – ou seja, de suportar a frustração que surge quando ainda não se compreende algo. Para ele, o que de fato distingue o conhecimento da ignorância é justamente essa tolerância à ausência de compreensão.

Assim, o caminho da transformação se dá no meio da confusão, não fora dela. O "meio" é o processo: a dor, a dúvida, a escuta, a entrega. O "fim" é um reencontro com o que sempre foi verdadeiro. E o "início" é esse chamado interior, que todos sentimos, de viver com mais inteireza, mais sentido. A fé, então, não exige explicações – só confiança no processo.

Não é a Fé cega da obediência, mas a Fé viva da presença.

E a palavra?

Há algo que vibra antes mesmo de ser som. A palavra, quando nasce, já carrega o rastro de um silêncio mais antigo, como se viesse de um lugar anterior ao tempo e à forma. Não se trata apenas de nomear, mas de dar existência. O que chamamos de "realidade" talvez seja apenas o eco de algo que, um dia, ousou ser dito.

Freud escreveu, em 1891, o ensaio intitulado "La afasia". Nesse trabalho neurológico e técnico, ele analisa as teorias vigentes sobre os distúrbios de linguagem (afasias) e faz uma crítica à separação rígida

entre linguagem e funções psíquicas. Freud destaca que o ato de falar está profundamente ligado ao funcionamento integrado da mente e da subjetividade.

Hoje em dia, falar sem pensar virou algo comum. As palavras saem por impulso, por hábito, sem que estejamos realmente presentes. Muitas vezes, nem sequer entendemos direito o que estamos dizendo. Mas, nas tradições antigas, a palavra tinha um significado muito mais profundo: era um ato sagrado, criador e cheio de poder. No conhecimento védico, por exemplo, o saber era transmitido apenas pela palavra falada. Bastava ouvir com atenção uma única vez para absorver todo o seu conteúdo e reproduzi-lo com precisão absoluta. O ouvinte não se permitia distrações – ele estava completamente presente naquele momento de encontro.

A palavra é energia condensada do pensamento. Quantas vezes sentimos algo intenso, mas não conseguimos expressá-lo? A palavra certa parece fugir. Isso ocorre porque nem toda palavra corresponde à vibração do sentimento verdadeiro. Falar exige mais do que voz: exige alinhamento emocional, presença espiritual e autenticidade.

Cada palavra que dizemos, cada pensamento que admitimos, cada emoção que sustentamos, tudo é registrado em nossa consciência. Transformar vibrações internas em realidade é um processo de escuta profunda de si mesmo. Só quando conseguimos nomear com verdade aquilo que sentimos, podemos ordenar nossas perturbações psíquicas e dar forma ao invisível.

Freud diz que quando algo falha na linguagem (como nas afasias), não é só um problema de "expressar palavras", mas uma falha no vínculo entre pensamento, emoção e ação. No caso de Elton, poderíamos supor que aqui se instala o rompimento com a palavra? Após nove meses, compartilhou um episódio da adolescência: aos 15 anos, vítima de bullying intenso, passou a ser chamado de "Mongol", o que marcou, segundo ele, a ruptura com o que chamava de "vida normal". Esse momento coincidiu com o início da invasão sonora interna. Nesse período, também se recusava a falar sobre meninas ou sexualidade, interrompendo bruscamente qualquer menção com frases como: "Não, não quero falar disso".

A concepção bioniana da função alfa foi central na compreensão do caso. Elton não conseguia converter experiências emocionais brutas em representações mentais. Sua função alfa falhava, e, por isso, sua linguagem não construía sentido. Havia uma ausência de reverie materna nas primeiras experiências – o que transformava sua fala em expressão de vivências não metabolizadas. Sua linguagem era evacuatória, como se buscasse apenas se livrar do peso do que não podia conter.

Muitas vezes somos conduzidos pelo desejo como se ele, por si só, fosse suficiente para nos levar à realização. Mas o desejo, mesmo quando legítimo, pode estar desconectado da nossa verdade mais profunda. É aí que entra a intuição – uma escuta interna que nos ajuda a distinguir entre o querer superficial e o chamado essencial. Ainda assim, nem desejo nem intuição bastam isoladamente. É preciso agir. E essa ação só ganha força verdadeira quando está em sintonia com o nosso Eu mais autêntico – aquele que conhece sua origem e seus propósitos mais profundos. A realização não acontece apenas por força de vontade, mas quando há coerência entre o que sentimos, pensamos, dizemos e fazemos. É essa coerência que determina a qualidade da vibração que emitimos no mundo.

Vivemos atravessados por ruídos – desejos que não nos pertencem, palavras repetidas que perderam o peso do sentido, imagens que parecem sentir por nós. O espaço interno se congestiona. Há pouco silêncio disponível para que um sentimento verdadeiro possa emergir e ganhar forma. Enquanto isso, o que dizemos, sentimos e fazemos se desencontra, criando tensão, desencontro, falha. Só quando os excessos se acalmam é que algo mais íntimo pode ser escutado – e então nomeado.

A chave para a transformação está na coerência: sentir o que se diz, dizer o que se pensa, fazer o que se afirma. Quando pensamento, emoção e ação estão alinhados, os ruídos internos se dissolvem e a palavra ganha força de manifestação.

Palavras não são apenas sons – são vibrações que carregam a qualidade do estado interno de quem as pronuncia. Elas expressam o momento presente do ser e, ao serem ditas com consciência, reorganizam nosso campo energético. Até mesmo as palavras lançadas em tom

de brincadeira revelam – muitas vezes sem que percebamos – o estado mental predominante naquele instante.

Para Freud, as palavras são "ações" psíquicas. Em certos contextos, uma palavra falada é quase um "ato mágico", ela transforma a realidade subjetiva, afeta o corpo, os próprios afetos e o destino psíquico. Na clínica, Freud via no discurso a possibilidade de "cura pela palavra" liberando ou expressando afetos ligados a significados reprimidos.

Aos poucos, porém, o processo analítico foi oferecendo essa função de continência. Hoje, com mais de um ano de trabalho, Elton consegue sair sozinho, frequenta espaços públicos sem a presença da mãe, que foi sua referência simbiótica durante anos. Relata melhora na relação com o pai e começa a manifestar desejo de entrar na universidade, ainda que indefinido em relação ao curso.

A presença nas sessões se tornou mais plena, e o desejo – antes reprimido – começa a emergir em forma de perguntas, dúvidas e pequenos movimentos em direção ao outro. A linguagem, antes caótica, começa a insinuar um desejo de comunicação. Fragmentos começam a formar ligações. Há menos concretude, com algumas metáforas. A psicanálise, nesse caso, tornou-se exatamente o que propõe ser: um espaço de transformação pela palavra.

É comum ouvirmos palavras que são apenas ecos, repetições automáticas. Mas as palavras ditas com verdade, essas são mágicas. Sobrevivem aos séculos, atravessam eras. Mantras, invocações, salmos, versos sagrados, não são apenas símbolos culturais, mas códigos vibracionais que carregam intenção, ritmo e som sagrado. Elas não foram criadas apenas para informar, mas para transformar. Uma pergunta que podemos nos fazer é: qual realidade estamos criando com tudo aquilo que dizemos sobre nós, para nós ou para os outros?

Algumas civilizações antigas compreendiam que nada se manifesta de forma direta. Toda criação percorre um caminho, um ciclo elemental. Na tradição védica, o processo de manifestação do mundo segue uma ordem dos elementos do mais sutil ao mais denso, conhecida como *pañca mahābhūta* – os cinco grandes elementos. Segundo esse ensinamento, do ātman (o Self) surge o éter (ākāśa), depois o ar (*vāyu*),

o fogo (*agni*), a água (*apas*) e, por fim, a terra (pṛthvī). Essa sequência representa o caminho da criação: começa no mais sutil, como a intenção ou o som primordial (éter), passa pelo movimento e pensamento (ar), atravessa a energia transformadora da ação (fogo), desce à emoção e conexão (água), até se consolidar no plano material (terra). Não se trata de uma manifestação direta e imediata, mas de um ciclo gradual, em que o invisível vai ganhando forma.

Você não manifesta o que deseja simplesmente por desejar. Você manifesta quando honra cada etapa desse caminho, com consciência, equilíbrio e sintonia com seu Eu verdadeiro. A coerência entre palavra e ação não apenas materializa o que se busca, ela reescreve padrões, desinstala crenças antigas, abre espaço para o novo.

Mudança necessária

A palavra é um poder sutil, invisível, mas real, e quando alinhada com a verdade do ser, torna-se um raio de criação. E não há exemplo mais emblemático do que aquele vivido por Kuntī e os *Pandavas*, na célebre história da princesa Draupadī, apresentada no épico *Mahābhārata*, escrito, aproximadamente, em 400 a.C.

> O rei Draupada decidiu realizar um grande festival, convidando todos os reis e príncipes mais famosos da época para uma competição cujo prêmio seria a mão de sua filha, Draupadī, em casamento.
>
> Tratava-se de um torneio singular, idealizado por Krishna, que também estava no comando da organização do evento. A prova era extremamente desafiadora: em um aquário suspenso no céu, refletido por espelhos, nadava um peixe em movimento contínuo. O competidor precisava retirar um arco sagrado de seu pedestal, preparar a flecha, mirar para o alto, guiando-se apenas pelo reflexo, e, com precisão absoluta, atingir o olho do peixe.
>
> À medida que os reis e príncipes iam se apresentando, tornava-se evidente que nenhum deles era capaz sequer de erguer o arco. Preso firmemente ao suporte, o arco parecia recusar-se a ser tocado por mãos indignas. A cena

provocava risos e zombarias entre os presentes, enquanto os orgulhosos guerreiros tentavam, em vão, libertá-lo.

Karṇa, um guerreiro de poder celestial e um dos únicos com habilidades comparáveis às de Arjuna, também se apresentou. Embora fosse filho de um cocheiro, havia recebido um reino como presente de Duryodhana, que o atraiu para o lado dos Kauravas, rivais dos Pandavas. Karṇa, com grande força, foi o único que conseguiu erguer o arco. No entanto, quando se preparava para atirar, Krishna o impediu, alegando que Karṇa não era um verdadeiro Kshatriya, pois sua nobreza fora adquirida por doação, não por nascimento. Apesar de sua habilidade, ele não possuía legitimidade para participar.

Diante disso, a competição parecia destinada ao fracasso, ninguém conseguia sequer participar. Foi então que Krishna, com sua sabedoria estratégica, tomou uma decisão surpreendente: permitiu que os brâmanes também participassem.

Isso causou perplexidade. Como poderiam os brâmanes, homens de saber e espiritualidade, não treinados nas artes da guerra, competir em um desafio destinado a guerreiros? Mas Krishna sabia o que fazia. Entre os brâmanes disfarçados estava Arjuna, acompanhado por seus irmãos Yudhisthira, Bhima, Nakula e Sahadeva. Os Pandavas, após serem exilados injustamente de Hastinapura, viviam ocultos sob disfarces, trajando roupas simples de ascetas, como exigia sua pena de exílio de dez anos. Se fossem reconhecidos, teriam de reiniciar o período.

Naquele dia, a mando da mãe, Kuntī, os irmãos haviam saído para buscar oferendas e esmolas. A cidade, contudo, estava deserta. Todos haviam se dirigido ao festival.

Durante a competição, os irmãos se mantinham juntos, discretos, atentos a qualquer ameaça. Quando Krishna renovou o convite aos brâmanes, os cinco tentaram discretamente se afastar. Krishna então os chamou de longe e perguntou se, entre eles, havia algum corajoso o suficiente para aceitar o desafio. Arjuna, provocado, não resistiu e se apresentou.

Aproximou-se do arco, ergueu-o com facilidade, encaixou a flecha, mirou no reflexo do peixe em movimento e, com um disparo impecável, acertou seu olho. A multidão ficou em êxtase. Draupadī também se alegrou, já

> ouvira histórias sobre Arjuna e, dias antes, recebera de Krishna uma pintura com sua imagem. Curiosamente, ela havia flertado com ele antes do torneio, sem saber sua verdadeira identidade, pois ele estava vestido como um brâmane. A conexão entre os dois foi imediata e profunda.
>
> Após a vitória, Arjuna, Draupadī e seus irmãos retornaram à casa onde viviam com Kuntī para apresentar a jovem como esposa. Kuntī, concentrada em meditação diante do altar e de costas para a porta, ouviu a voz de Arjuna: – *Mãe, veja o grande presente que recebi!*
>
> Sem se virar, e acreditando tratar-se de comida ou esmolas, ela respondeu com doçura: – *Seja o que for, meu filho, divida igualmente com seus irmãos.*
>
> As palavras, proferidas com inocência, causaram um silêncio constrangedor. Um misto de perplexidade, vergonha e dor tomou conta do ambiente. Quando Kuntī se virou e viu Draupadī, compreendeu de imediato o engano. Pediu desculpas, mas as palavras já haviam sido ditas. A ideia de Draupadī ser partilhada entre os irmãos soava ofensiva e impensável.
>
> Draupadī considerou romper o casamento, mas isso a desonraria, seria rejeitada por outros reis ou príncipes. Com dignidade, aceitou o destino e concordou em se casar com os cinco irmãos, vivendo um ano com cada um, conforme o acordo. Esse acontecimento, tão improvável quanto marcante, teria repercussões profundas no futuro. (Dharma, 2018)

Esse episódio nos lembra a força que reside na palavra. Muitas vezes, a intenção por trás de uma fala tem mais peso do que a própria ação, podendo transformar destinos, selar alianças ou causar feridas profundas.

A palavra não foi apenas um ato falado, mas um decreto do destino. Bastou uma frase, dita sem ver, sem escutar plenamente a realidade do momento, para selar um pacto inusitado: Draupadī, escolhida por Arjuna como esposa, passou a ser prometida a todos os cinco irmãos. A palavra de Kuntī, dita em inocência, tornou-se lei, e ninguém ousou contradizê-la. Porque, na tradição ancestral, a palavra dita é como uma flecha lançada: não volta atrás.

Essa cena dramática nos convida a refletir: quantas vezes proferimos palavras sem medir seu peso? Quantos destinos criamos com

frases ditas por impulso? Krishna sabia o poder da palavra. Ele mesmo conduziu toda a situação, guiando os acontecimentos com sabedoria silenciosa. Ele sabia que não era apenas uma competição de arco e flecha, era um ajuste de *dharma*, de propósito, de destino.

E assim, Draupadī aceitou seu papel, não por submissão, mas por consciência. Ela honrou a palavra pronunciada, mesmo diante do absurdo, e com isso abriu caminho para a revelação de um novo tipo de união, de parceria, de caminho espiritual entre os Pandavas. Um casamento fora do comum, mas com profundas lições sobre honra, renúncia e transcendência do ego.

Assim como Draupadī teve seu destino transformado por uma única frase – dita por Kuntī sem conhecer o contexto, mas que se tornou decreto –, também Elton, em sua adolescência, teve sua trajetória interna profundamente marcada por uma palavra dirigida a ele: "Mongol". Esse insulto, recebido em meio ao bullying escolar, desorganizou sua percepção de si e do mundo. Até então, dizia-se "normal", com gosto por esportes, amigos, boas notas. Mas, a partir dessa nomeação violenta, algo nele se quebrou. Ele mesmo relata: "Foi aí que me desestruturei". A "musiquinha" obsessiva que o atormentava parece surgir como expressão sonora dessa ruptura – um ruído psíquico que substitui o pensamento.

Elton recebeu, aos 15 anos, um "nome" que não pôde recusar, mas que tampouco pôde elaborar. Aquele insulto se tornou um núcleo traumático, uma identidade imposta, geradora de sofrimento e desligamento de si. A análise, nesse caso, funciona como o espaço onde esse enunciado – antes apenas persecutório – pode ser ouvido de outro modo, transformado em palavra pensável, representável, simbólica.

Assim como Draupadī acolheu seu destino e o ressignificou – abrindo caminho para um novo modelo de relação e espiritualidade –, também Elton, aos poucos, começa a recuperar sua dignidade subjetiva. A palavra que o feriu pode, agora, ser reinscrita no espaço do vínculo analítico. A "musiquinha" aos poucos desaparece, e com ela surge o desejo de viver, de amar, de aprender. Toda realidade começa na intenção, passa pelo pensamento, ganha forma na emoção e se manifesta na palavra. A palavra é o fogo que acende a transformação.

No caso de Elton, a palavra alterou seu destino até momentos antes de nosso encontro. Inicialmente, funcionava como uma descarga de angústias – sem forma, sem direção. Com o tempo, passou a ganhar contorno. A escrita diária no caderno, proposta como recurso clínico, ajudou a criar um espaço interno capaz de sustentar o pensamento. A partir disso, ele começou a nomear sentimentos, refletir sobre si e até projetar um futuro. Aquele que antes evitava o mundo passou a buscar um lugar nele. Sua travessia mostra que, mesmo em meio à confusão psicótica, a palavra pode tornar-se ponte entre o caos interno e uma realidade mais habitável.

Freud, ao estudar as afasias, já intuía uma verdade que vai muito além da neurologia: a palavra não é apenas um som no ar, nem um código vazio de vida. Ela é um ponto de encontro entre o corpo, a memória, o desejo e a ação. Quando a linguagem falha – como nas afasias que Freud analisou –, o que se interrompe não é apenas a fala, mas todo um fluxo interno: o pensamento que tenta se organizar, a emoção que busca um canal, a vontade que deseja se manifestar. Há um bloqueio na ponte que liga o mundo interno ao externo. Por outro lado, quando uma palavra é dita com verdade, com presença e sentido, é como se um circuito profundo da vida se fechasse, permitindo que a energia psíquica siga seu curso natural. A palavra, quando bem dita, não apenas comunica: ela organiza, transforma e, muitas vezes, cura.

Foi isso que percebi em Elton. Quando sua palavra começou, enfim, a ser ouvida de dentro para fora, a "musiquinha" que antes o invadia cedeu espaço a um discurso mais articulado, capaz de expressar algo de sua experiência interna. Isso indica que a transformação é possível quando a linguagem recupera sua função simbólica. Como o próprio Freud descreveu em seu ensaio "La afasia":

> Isso cria, mais do que em qualquer outro lugar do sistema nervoso central, a impressão de que ali existe um centro real para certas funções. No entanto a única função que Wernicke atribui à ínsula é a de associar a 'imagem sonora da palavra' à 'impressão cinestésica da palavra', ambas localizadas em algum outro lugar do córtex. Uma função desse tipo é geralmente atribuída apenas

> às fibras brancas. Supõe-se que a destruição desse feixe de fibras provoque um transtorno da linguagem consistente em parafasia com compreensão e articulação normais, ou seja, a confusão das palavras e a insegurança em seu uso. (Freud, 1891/1973, pp. 20-21, tradução livre)

A história de Draupadī é um lembrete de que a vida responde à vibração da palavra. Que destinos podem mudar por uma frase. Que a linguagem é o portal por onde o invisível se torna visível. Que sejamos, então, como Arjuna: firmes no propósito, lúcidos na ação, e atentos à flecha de cada palavra lançada. E como Kuntī, que ao perceber o peso de sua fala, acolhe a consequência com humildade e reverência ao Mistério.

A história de Elton é uma constatação de como a palavra exerce um poder, antes paralisador, aterrorizador. Elton, aos poucos, começa a recuperar sua dignidade subjetiva. A palavra que o feriu pode, agora, ser reinscrita no espaço do vínculo analítico. Os "ruídos musicais" estão perdendo espaço em sua mente, e com isso surge o desejo de viver, de amar, de aprender.

Magia y turbulencia: la palabra y la importancia del encuentro

Resumen: Este artículo explora la potencia transformadora del encuentro analítico, comprendido como una experiencia singular de revelación mutua entre analista y analizante. A partir de Sigmund Freud y Wilfred Bion, especialmente en lo que se refiere a la importancia de la palabra, de la escucha y de la tolerancia a lo desconocido, el texto propone una lectura del psicoanálisis como una práctica que trasciende los límites del intelecto. En diálogo con tradiciones antiguas, como el conocimiento védico, y con la narrativa de la princesa Draupadī en el Mahābhārata, el artículo discute la palabra como elemento creador, vehículo de intuición y expresión de verdad interior. También se abordan las consecuencias psíquicas del lenguaje desacompasado, como aparece en una viñeta clínica de Elton, en contraste con la coherencia entre pensamiento, emoción y acción.

Palabras clave: palabra, psicoanálisis, transformación, Vedas, Mahābhārata

Magic and turbulence: the word and the importance of the encounter

Abstract: This article explores the transformative power of the analytic encounter, understood as a unique experience of mutual revelation between analyst and analysand. Drawing on the work of Sigmund Freud and Wilfred Bion – especially their views on the role of words, deep listening, and tolerance for the unknown – the text proposes a view of psychoanalysis as a practice that transcends the limits of the intellect. In dialogue with ancient traditions, including those that preserve Vedic knowledge, and the narrative of Princess Draupadī in the *Mahābhārata*, the article discusses the word as a creative force, a vehicle of intuition, and an expression of inner truth. It also examines the psychological effects of fragmented language, illustrated through a clinical vignette of Elton, and contrasts these with the coherence between thought, emotion, and action.

Keywords: words, psychoanalysis, Vedas, transformation, *Mahābhārata*

Referências

Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise*. Imago. (Trabalho original publicado em 1963)

Calvino, I. (2002). *Seis propostas para o próximo milênio* (I. Barroso, Trad.). Companhia das Letras.

Dharma, K. (2018). *Mahābhārata: O maior épico espiritual de todos os tempos* (T. C. Braga, Trad., Vol. 1). Coletivo Editorial.

Freud, S. (1973). *La afasia*. Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1891)

Hardt Junior, O. (2025). A caligrafia da Índia. *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos, 40*(1/2), 39-64.

Prabhupāda, A. C. B. S. (1976). *O Bhagavad Gītā como ele é*. Círculo do Livro.

Sandler, P. C. (2021). *Tornar-se é algo que difere de ser…* [Conferência oral registrada em vídeo]. Arquivo audiovisual não publicado.

Francisco A. Duarte

franspiduarte@gmail.com

DOI: 10.67671/alter.2026.03

© Alter, 2026. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.